



Ventura Tamba já ajudou 60 alunos

Estudante cria projecto para apoiar africanos que querem estudar no IPCA

PEDRO GONÇALO COSTA

info@jornalbarcelos.com.pt

O estudante guineense Ventura Tamba (foto) criou um projecto para apoiar estudantes africanos que querem ingressar no Instituto Politécnico do Cávado e Ave (IPCA). O objectivo é derrubar os “entraves” que existem para seguir estudos em Portugal por parte dos alunos estrangeiros, como aqueles que Ventura Tamba teve de enfrentar para chegar à Europa. Já ajudou cerca de 60 estudantes da Guiné-Bissau e

Cabo Verde, desde 2018. Ventura Tamba, de 24 anos, está no 2.º ano do curso de Engenharia Electrotécnica e dos Computadores do IPCA, onde ingressou em 2018. Mas o seu processo para chegar a Portugal começou dois anos antes. As primeiras dificuldades que encontrou foram na candidatura. É tudo feito de forma online, num país em que não há acesso generalizado à internet. “Não é como aqui em Portugal, que toda a gente tem internet em casa”, notou. Para completar a inscrição, Ventura Tamba teve de sair da sua cidade, Bambadinca, para ir até à capital Bissau. Fez cerca de 130 quilómetros para aceder à internet num cibercafé.

Foi admitido no IPCA pela primeira vez em 2016, mas complicações com o visto não permitiram que viesse naquele ano. No ano seguinte, voltou a esbarrar na obtenção de visto e só em 2018 é que conseguiu finalmente ter tudo acertado. Ainda na Guiné, operações simples como fazer uma transferência no Multibanco para pagar as taxas de matrícula precisam de agilidade. “É muito difícil, vais a um banco com um IBAN e não consegues fazer a transferência. Tem de se arranjar alguém que já esteja em Portugal”, explicou. A vida de Ventura ficou facilitada porque teve o apoio da Associação Padri-



Pedro Gonçalo Costa

nhos de África (APA) que o ajudaram nesta sua vontade de estudar em Portugal e o incentivaram a ingressar na instituição de ensino superior barcelense. Foi essa associação constituída maioritariamente por portugueses que lhe pagou os estudos desde a infância. Esta associação presta apoio a jovens órfãos e com carências económicas para estudar e, mais tarde, apoiam aqueles que se destacam para seguir os estudos em Portugal.

Depois de aterrar no país, as dificuldades continuaram a fazer-se sentir. Uma vida difícil para encontrar alojamento, para se integrar nos meios sociais, adaptar-se ao IPCA e acompanhar os estudos. É por tudo isto que Ventura Tamba decidiu criar um programa de apoio aos estudantes africanos que queiram ingressar no IPCA. Pensou nisto porque percebeu que tudo ia ser ainda mais difícil “para os outros que queiram vir”. Não estava sequer há um mês no IPCA e já tinha criado o projecto de forma espontânea. O primeiro apoio que presta é auxiliar na candidatura. “Se a pessoa tiver internet, eu oriento. Se não tiver, vai a uma papelaria digitalizar os documentos e envia para o meu e-mail, que eu encarrego-me de fazer a candidatura”, descreveu. Depois orienta na obtenção do visto para estu-

dar em Portugal, processo remoroso que foi difícil para Ventura Tamba. “Na maioria das vezes não é porque a embaixada não quer dar o visto. São as pessoas que não sabem que documentos têm de entregar na embaixada”, acrescentou. E depois, já em Portugal, não deixa ninguém à sua sorte. “Há pessoas que nunca viajaram antes. Na Guiné há cidades, mas não são como aqui em Portugal. Eu ofereço-me para ir a Lisboa e ajudar essas pessoas, trago-as para Barcelos”, explicou. Leva-as ao quarto que previamente arrendou através dos contactos que fez ao longo dos últimos anos e apoia-as nos assuntos relacionados com o IPCA e com a vida em Portugal, como a obtenção do título de residência ou inscrição no centro de saúde. Hoje já se sente mais em casa, mas “antes não podia dizer o mesmo”. Lamenta que o país esteja a fazer esforços para receber estudantes estrangeiros, mas que as instituições em Portugal não acompanhem devidamente os estudantes que cá chegam. “É preciso falar para as pessoas perceberem. (...) Portugal tem muito a fazer relativamente a isso, tem uma grande lacuna nesse sentido”, explicou. Alguns acabam por desistir dos estudos de forma precoce e muito por culpa das diferenças nos programas cur-

riculares. “Quase 80% reprovam no primeiro ano. As universidades deviam fazer um acompanhamento mais próximo e haver mais flexibilidade para tentar perceber o background do estudante que chega”,

considera. Por isso, Ventura reclama um “programa de ensino mais flexível para estudantes internacionais”. “Entrei no curso e os professores diziam-me que já tinham dado isso no 12.º ano, mas na Guiné não demos nada disso... É como começar um passo atrás. Tive de me desenrascar, ler outros conteúdos do 12.º ano para me enquadrar”, contou.

A pandemia não deixou, mas Ventura quer ainda contribuir para a integração na vida social dos estudantes internacionais. Foi difícil fazer amigos no início, já que a maioria dos colegas de turma moram em cidade vizinhas e “desaparecem” após as aulas, sem deixar espaço para o habitual convívio académico. “Muitos estudantes internacionais reclamam de Barcelos, dizem que é uma cidade parada, que não tem muito a acontecer”, diz. Para apoiar o projecto no futuro, o guineense pretende afiliar o programa na Associação Académica do IPCA. Em Dezembro, recebeu o

Prémio Valor IPCA/Santander Universidades, no valor de 1700 euros, como condecoração por este serviço prestado à comunidade académica. Entendeu a distinção como um “reconhecimento” do seu trabalho e fê-lo perceber que o “IPCA preocupa-se com os estudantes internacionais”.

Ainda no 2.º ano do curso e com um mestrado pela frente, o estudante quer regressar à terra natal assim que termine os estudos. “A Guiné precisa mais de mim, tem muito trabalho a ser feito, com o pouco que vim aprender aqui em Portugal posso ajudar e posso fazer a diferença. (...) Cá já existem muitos engenheiros, lá não conheço nenhum engenheiro electrotécnico, nem nunca ouvi falar”, notou. Tem vontade de fazer uma empresa tecnológica para contribuir para o combate à corrupção. “Uma das salvação da Guiné é a tecnologia, para existir mais controlo e reduzir a corrupção”, considera este futuro engenheiro.



Covid-19 já infectou 7% da população do concelho

Pág. 4

J.O.R.G.E
OCULISTA

DESDE 1964

DESCENTRALIZAÇÃO

Juntas não sabem quanto nem quando vão receber

Pág. 5

NAS MÃOS DO INFARMED

Vila Cova e Feitos lutam para não perderem a farmácia

Pág. 5

DISTINGUIDO PELO IPCA

Estudante cria projecto para ajudar africanos que querem estudar

Pág. 8

RALLY DAKAR

Joaquim Rodrigues já é 12.º da geral

Pág. 13

DIRECTOR PAULO JORGE VILA
SEMANÁRIO . NÚMERO 507
ANO LXXI . III SÉRIE

QUARTA-FEIRA 13 DE JANEIRO 2021 / 0,80€

J.B.
JORNAL DE
BARCELÓS

Apesar da pandemia, dádivas de sangue sofreram apenas "quebra ligeira"

Pág. 7

Visite-nos no Facebook

NA ÓPTICA 2,
A CONFIANÇA VÊ-SE BEM.

VEJA MAIS EM GRUPÓPTICO.PT

Óptica 2

ZEISS

